



Sérgio Telles

PSICANÁLISE

Coletânea psicanalítica

Blucher

COLETÂNEA
PSICANALÍTICA

Sérgio Telles

Coletânea psicanalítica

© 2024 Sérgio Telles

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Catarina Tolentino

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Telles, Sérgio

Coletânea psicanalítica / Sérgio Telles. –

São Paulo : Blucher, 2024.

192 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2359-7

1. Psicanálise I. Telles, Sérgio

24-2021

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. Resenha de <i>Derrubar árvores: uma irritação</i> , de Thomas Bernhard	9
2. Resenha de <i>O corpo interminável</i> , de Claudia Lage	13
3. Resenha de <i>Arthur: um autista no século XIX</i> , de Maria Cristina Kupfer	17
4. Resenha de <i>Cloro</i> , de Alexandre Vidal Porto	21
5. Resenha de <i>Praia de Manhattan</i> , de Jennifer Egan	25
6. O Google, o psicoterapeuta e o paciente	29
7. Realidades virtuais, Pokémon e fobia	37
8. Dezembro	41
9. Adivinhe o que está faltando...: manginas e machistas, faces da mesma moeda	45
10. Artistas da fome: reflexões sobre um desfile de moda	49
11. Três ataúdes	55

12. *Logos demais, páthos de menos: resenha de Janelas irreais: um diário de releituras*, de Felipe Charbel 59
13. Resenha de *A balada do cálamo*, de Atiq Rahimi 63
14. A escrita feminina de *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende 67
15. Trevisan retrata país com ares de ópera bufa: resenha de *A idade de ouro do Brasil*, de João Silvério Trevisan 71
16. Bolsonaro, Trump, Agamben: tipos diferentes de onipotência no trato da questão do coronavírus 75
17. Resenha de *O discurso da estupidez*, de Mauro Mendes Dias 79
18. Sobre dois ensaios de Peter Handke 83
19. Resenha de *Uma biografia da depressão*, de Christian Dunker 87
20. Resenha de *Speak, silence: in search of W. G. Sebald*, de Carole Angier 91
21. Identidade, alteridade, ficcionalidade: resenha de *Fernando Pessoa e Freud: diálogos inquietantes*, de Nelson da Silva Junior 95
22. Sobre o “jogo do copo” ou “mesa Ouija” 103
23. Resenha de *No jardim do ogro*, de Leïla Slimani 107
24. Revolução estética e inconsciente: resenha de *O inconsciente estético*, de Jacques Rancière 111
25. A paternidade segundo Cristiano Ronaldo: uma leitura psicanalítica 117
26. Psiquiatras e psicanalistas podem dar opiniões sobre personalidades públicas? 121

27. Resenha de *The Clock*, de Christian Marclay 127
28. Considerações em torno de *O amor dos homens avulsos*,
de Victor Heringer 131
29. Resenha de *Se a rua Beale falasse*, de James Baldwin 139
30. 75 folhas ou *Soixante-quinze feuillets*, de Proust 143
31. Uma nova biografia de Jacques Derrida 147
32. “O insuportável mau cheiro da memória”: algumas
considerações psicanalíticas em torno de “Resíduos”,
de Carlos Drummond de Andrade 151
33. A escrita da vida cotidiana: psicanálise fora da clínica 163
34. *O mal-estar na civilização*, 90 anos depois 173
35. Maratonando séries nos streamings:
voracidade contemporânea? 177

1. Resenha de *Derrubar árvores: uma irritação*, de Thomas Bernhard¹

A obra de Thomas Bernhard (1931-1989), considerado um dos maiores escritores de língua alemã do século XX, caracteriza-se pelo tom polêmico, ácido e pessimista (o que não exclui um fino humor satírico) com que vê as relações humanas, a cultura ocidental e, especialmente, a sociedade de seu país de origem, a Áustria.

Seu *Derrubar árvores: uma irritação* (Todavia, 2022) ilustra bem tais características. Tendo aceitado a contragosto o convite do rico casal Auersberger – que posa de mecenas – para um “jantar artístico” em torno de um grande ator, o narrador, mudo e postado numa poltrona de orelhas, observa de longe a chegada dos convidados e, num longo monólogo interior que se prolonga da primeira à última página, rumina obsessivamente sobre suas relações com aquelas pessoas. A maioria delas esteve com ele poucas horas antes no enterro de uma amiga que se suicidara. Que nessas circunstâncias o jantar não tivesse sido cancelado expõe a falsidade e a hipocrisia que serão a tônica do encontro.

Naquele momento considerado um respeitado escritor, ele recorda seu trajeto e o dos demais presentes na busca do sucesso como artistas

¹ Publicado no suplemento “EU & Fim de Semana” do jornal *Valor Econômico*, 9 set. 2022.

criadores e como quase todos fracassaram de forma vexatória, transformando-se em pseudoartistas dependentes de sinecuras estatais e prêmios corruptos que avalizam suas imposturas.

Talvez em decorrência de seu passado traumático de abandonos e abusos, além do acometimento de doenças graves, Bernhard mostra uma visão desesperada dos relacionamentos humanos, concebendo-os como ligações fusionais de devoração mútua, que impõem a ruptura como única forma de sobrevivência. Com esse objetivo, o narrador se mudara para Londres. O jantar ocorre ao voltar para Viena, e a longa reflexão que desenvolve na casa dos Auersberger o faz perceber que, ao mesmo tempo que odeia a todos ali e a si mesmo, aquelas são as pessoas que ama, o que também se dá com Viena, sua cidade querida e odiada.

Se em *Derrubar árvores* as críticas ao mundo literário austríaco se expressam como ficção, em seu livro *Meus prêmios* Bernhard adota um registro documental autobiográfico, tornando-as ainda mais acerbas e incisivas.

Ali ele mostra seu desprezo pelos muitos prêmios recebidos, dos quais valoriza apenas o dinheiro que várias vezes o tirou de apertos financeiros. Dispensa a honraria literária, na medida em que desautoriza os premiadores, negando-lhes a capacidade para julgar seu trabalho ou o de qualquer outro escritor. Na verdade, conhece a forma corrupta ou aleatória com que é escolhido o vencedor, pois testemunhou o procedimento ao participar como jurado de uma dessas premiações.

Entende que o Estado ou instituição privada que dá o prêmio não tem ideia de quem é o premiado, que o faz não como um efetivo reconhecimento do talento do escritor, e sim como publicidade e autopromoção com o objetivo precípua de ocupar o lugar prestigioso de mecenas, sem falar de como as quantias que tais prêmios oferecem são ridículas, pois tanto o Estado como as instituições privadas poderiam, se quisessem, dar prêmios muito mais substanciosos do que os que costumam oferecer. O poder ignora e/ou despreza o intelectual,

que, por necessidade, se vê obrigado a receber as migalhas que lhe são concedidas.

Bernhard é implacável com a conivência ou subserviência dos escritores com o poder, como explicita na carta em que pede desligamento de uma academia literária porque esta aceitou como membro um ex-presidente da república. Diz ele:

Há anos me pergunto qual o sentido dessa chamada Academia de Darmstadt, e sempre me vi obrigado a dizer a mim mesmo que esse sentido não pode residir no fato de uma associação, fundada em última instância apenas com o frio propósito de oferecer a seus vaidosos membros um espelho no qual se mirar, reunir-se duas vezes por ano para se autoincensar e, depois de consumir lautos pratos e bebidas servidas nos melhores hotéis da cidade, em viagem luxuosa e cara paga pelo Estado, conversar por uma semana sobre uma papa literária insípida e rançosa. . . . No fundo, todos esses dignatários em viagem paga pelo Estado se encontram em Darmstadt para, depois de um ano inteiro de ódio mútuo e impotente, poder, ainda ali, aborrecer uns aos outros por mais algum tempo. A tagarelice de escritores nos saguões dos hotéis de cidadezinhas alemãs é, por certo, o que se pode conceber de mais repugnante. Seu fedor, porém, torna-se ainda mais fedorento quando ela é subvencionada pelo Estado.²

Bernhard pagou caro por essa e muitas outras atitudes temerárias.

2 Bernhard, T. (2011). *Meus prêmios*. Companhia das Letras.

2. Resenha de *O corpo interminável*, de Claudia Lage¹

No livro *O corpo interminável* (Record, 2019), Claudia Lage consegue realizar a difícil proeza de escrever sobre um tema como a tortura de presos políticos nos anos da ditadura, que provoca fortes reações, transcendendo o tom de denúncia documental-panfletária e alçando o plano da literatura. E o faz sem trair a gravidade e o horror dos acontecimentos relatados, nem os diluir numa vazia preocupação formal.

O fio condutor é a busca dos rastros da mãe que não conheceu, uma guerrilheira desaparecida, por parte do postulante a escritor Daniel. Nessa busca, reconstrói sua história por meio de livros, jornais, cartas, encontros e da própria escrita, que, de forma tateante, busca exercer registrando a experiência vivida nessa empreitada.

Daniel sente a falta da mãe não só por sua ausência física como pelo silêncio impassivo do avô que o criou e nunca falou da filha para o neto, além de ter eliminado todas as lembranças que poderia ter dela, como fotos, objetos etc. Restou apenas o livro de Lewis Carroll, que remete a sua infância e à leitura recorrente que teria continuado

¹ Publicado no suplemento “EU & Fim de Semana” do jornal *Valor Econômico*, 12 mar. 2021.

a fazer, atestada pelas muitas anotações nas margens e partes sublinhadas. Por ser a única recordação palpável da mãe, Daniel se apega com fervor ao livro, tentando descobrir nas entrelinhas o que poderia ali está escondido sobre sua mãe, entender por que o teria lido tantas vezes e feito tantas anotações.

Daniel tem um longo enfrentamento com a distância e a frieza do avô. Com a ajuda de Milena, que encontra durante sua busca e com quem planeja um futuro mais esperançoso, Daniel enfrenta as sucessivas descobertas de situações traumáticas encobertas pela repressão ou negação. Se a família de Daniel sofreu diretamente os efeitos da repressão, algo semelhante ocorreu com a família de Milena, embora em grau simultaneamente mais indireto e dissimulado, mas igualmente desagregador. Dessa forma, Claudia Lage mostra a dimensão humana da violência política, destruindo vidas e produzindo traumas que se transferem para a geração seguinte.

O rico trabalho literário se mostra nos recursos narrativos e de linguagem, bem como na densidade psicológica dos personagens. O enredo se organiza em tempos diversos e narrativas que se alternam em estilos diferentes. Ao ritmo febril e coloquial da fala da mulher acuada num aparelho, aguardando a chegada de mantimentos para sobreviver, ou de outra, foragida, que luta contra a ameaça da loucura exacerbada pelo isolamento forçado, contrapõe-se o tom reflexivo e melancólico, a linguagem mais formal do filho que pretende ser escritor.

O corpo é uma insistente presença no livro, a começar pelo título. O corpo humano é o peso que nos prende ao mundo e que nos avisa permanentemente da finitude, da fragilidade, da vulnerabilidade. O corpo vive, o corpo sofre, o corpo goza, o corpo serve como refúgio da angústia que flutua nos pensamentos. É o corpo que desaparece sem deixar vestígios. É no corpo que a tortura é exercida, como Claudia Lage escreve em páginas memoráveis.

No livro, o corpo é especialmente o corpo da mulher, corpo que engravida e amamenta, corpo exposto à violência dos homens.

Ao mesmo tempo que expõe o drama pessoal e político da repressão nos anos 1970, Claudia Lage mostra a importância da escrita, das bibliotecas, dos livros como repositório da história, da cultura, do saber. Daniel está sempre cercado de livros. A recorrência do livro de Carroll não se deve apenas ao fato de ser um objeto de adoração pela mãe perdida: talvez represente a autorreferência da literatura consigo mesma, o infindável mundo da escrita, “da procura da palavra certa”. Ao mesmo tempo, não deixa de ser interessante que Alice, com seu corpo ileso que se expande e encolhe ao sabor das circunstâncias, possa representar a fuga da densa materialidade do sofrido corpo real. Seu corpo fantasmático que se faz e refaz sem perder suas características é o oposto do corpo destruído pela tortura.

O livro é de grande pungência, uma história da violência da repressão que não pode ser esquecida ou negada. Evoca o luto pelos mortos e pelo desmoronamento do sonho de produzir mudanças sociais por meio de uma ação revolucionária.

3. Resenha de *Arthur: um autista no século XIX*, de Maria Cristina Kupfer¹

Como explicar para o grande público a difícil condição do autista? A forma encontrada por Maria Cristina Kupfer, conhecida psicanalista com uma sólida trajetória acadêmica, foi escrever *Arthur: um autista no século XIX* (Escuta, 2020), uma obra de ficção na qual procura deixar mais acessível a compreensão dos enigmáticos e inquietantes comportamentos típicos daquele estado.

As três primeiras partes da obra concentram o enredo. A ação está situada na França do final do século XIX, onde Marguerite, uma mulher da aristocracia, se interessa pelo bizarro comportamento de Arthur, um dos filhos de uma serviçal de sua casa. Arthur não fala, não interage com crianças ou adultos, não fixa o olhar em nada e apenas movimentos repetitivos suscitam seu interesse. Tem acessos de raiva e descontrole, quando grita sem parar, bate a cabeça na parede e se morde.

Com a morte da mãe de Arthur, Marguerite assume seus os cuidados. Em meio a sua perplexidade e à incompreensão dos amigos, que não entendem seu interesse pela criança, Marguerite pede auxílio a um

¹ Publicado no suplemento “EU & Fim de Semana” do jornal *Valor Econômico*, 16 out. 2020.

religioso de uma abadia vizinha, instituição detentora de uma grande biblioteca. Apesar de não falar, Arthur aprende a ler e se encanta com os livros. Marguerite protege também uma outra criança desvalida, Charlotte, que muito ajuda no contato com Arthur.

A partir de um determinado momento, não conseguindo mais lidar com o comportamento do menino, Marguerite o leva para a abadia, onde ele é acolhido. Muitos anos depois ela – que se tornara uma escritora – recebe os textos que Arthur havia escrito, nos quais ele dá sua própria versão dos fatos antes relatados por ela, confirmando-os. Por sua vez, Charlotte agora é médica e procura uma psicanalista.

Na quarta parte, intitulada “O mágico mostra seus truques”, a autora revela as fontes de sua ficção, tanto os lugares que inspiraram as locações de sua narrativa como as referências teóricas – preferencialmente a psicanálise lacaniana – que sustentam sua argumentação e as interpretações da sintomatologia de Arthur.

A visão atual do autista implica a possibilidade de um comprometimento neurodesenvolvimental e um outro relacional, que se retroalimentam. Por algum determinante constitucional, a criança não interage, não responde aos estímulos da mãe (ou cuidadora privilegiada) e esta, ao não obter resposta a seus investimentos afetivos, esmorece em suas tentativas. O autista não tem uma delimitação de seu próprio corpo e psiquismo, vive permanentemente sob a ameaça de se desintegrar psiquicamente, daí a exigência de uma imutabilidade do ambiente – os objetos devem estar sempre da mesma forma e no mesmo lugar e as pessoas têm de agir sempre da mesma maneira, caso contrário sua tênue identidade se desfaz. Ele se sente facilmente invadido e ameaçado com o olhar e a voz do outro. Seus aparentes distanciamento e frieza não devem ser entendidos como ausência de sentimentos, e sim como manifestação de sua dificuldade em modulá-los, do temer ser arrastado por eles.

Em tempos mais ignorantes e supersticiosos, tais características eram vistas como expressão da “ausência de alma”, tais crianças seriam “filhos do demônio”. Depois, esses traços foram confundidos com falta

de inteligência, com idiotia. Atualmente, como Kupfer explica por meio de seus personagens Marguerite e dra. F. D., há quem considere o autismo não como uma doença, e sim como um transtorno (transtorno do espectro autista – TEA), uma variação do ser humano, uma “nova forma de viver”, especula a dra. F. D. Seria essa uma idealização do autismo que expressaria o confessado desejo de reparação que levou Kupfer a escrever o livro, ao constatar a limitação dos recursos terapêuticos para modificar esse quadro?

As dificuldades com o manejo da linguagem fazem com que muitos autistas não consigam falar adequadamente. Sua fala ficaria no registro do signo e não do significante, como se eles não tivessem acesso à dimensão propriamente simbólica, metafórica da língua, engessando-a em sua dimensão denotativa. Entretanto, o fato de ter-se comprovado que autistas de alto desempenho podem escrever com grande sensibilidade e sentimento parece contradizer essa teoria e mostrar o quanto temos ainda de aprender sobre tal condição.

Ao escolher a narrativa ficcional para transmitir seus conhecimentos sobre o autismo, Kupfer toca uma questão importante – a ligação entre psicanálise e literatura (escrita criativa). Ao enfeixar os elementos teóricos sob a ambígua rubrica “O mágico mostra seus truques” (frase ouvida no final de uma de suas análises), Kupfer abre várias questões: seria pertinente equiparar o mágico ao psicanalista? A psicanálise é uma “mágica”, uma prática que se apoia na ilusão e na manipulação do espectador, ou o contrário disso – um poderoso instrumento que deixa a nu o desejo inconsciente, antes ocultado por ilusões, fantasias, delírios atrás dos quais ele se revelava e escondia?

Da mesma forma, levanta a questão: a literatura é uma mágica que engana e ilude ou é a possibilidade de dizer a verdade disfarçada sob o véu da ficção?

Com seu livro *Arthur*, Kupfer reafirma que a psicanálise está longe dos truques da mágica e, assim como a ficção, é uma eficaz portadora da verdade.



Imaginemos uma reunião que congregue os melhores e mais criativos escritores, gente como Bernhard, Egan, Valéria Rezende, Handke, Sebald, Derrida, Freud, Pessoa, Rancière, Baldwin, Proust, Drummond, Leïla Slimani e vários outros. Nessa reunião se falaria da obra desses autores e de temas atuais, como aspectos da sexualidade, a internet e o Google, as realidades virtuais, o maratonar séries em *streaming*, os desfiles de moda, o “jogo do copo” que convoca os mortos do além (também chamado de “mesa Ouija” em outros países), a paternidade segundo o jogador Cristiano Ronaldo. E ainda uma reflexão sobre as posições de Bolsonaro, Trump e Agamben a respeito da pandemia de covid-19, acontecimento traumático, que já nos parece tão distante, e que defensivamente quase o “esquecemos”. Pois essa reunião não é apenas uma fantasia e vocês estão todos convidados. Ela constitui este livro e tem Sérgio Telles – psicanalista e escritor – como mestre de cerimônia, circulando por esses temas em textos apurados e densos, que estimulam a visão crítica dos leitores.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2359-7

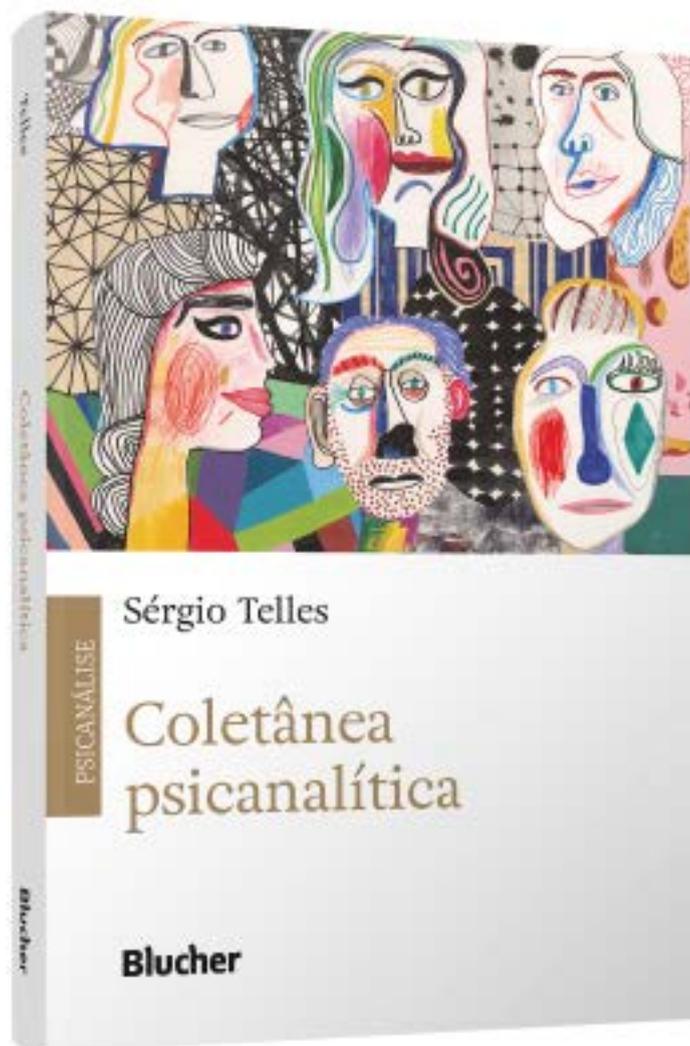


9 788521 122359 7



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Coletânea psicanalítica

Sérgio Telles

ISBN: 9788521223597

Páginas: 192

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
